

# Operação PAIXÃO

Ele quer  
conquistá-la.  
Ela quer  
acabar com ele...



Carlie  
Walker

*Para Claire e Pete –  
este livro não existiria sem vocês.*

# Prólogo

## VÉSPERA DE NATAL

Dá para saber muita coisa sobre as pessoas de uma mesma família pelas roupas que elas usam na véspera de Natal. Quando eu era mais nova, usávamos calça de moletom. Éramos casuais. Eu me vestia de moletom de algodão cinza da cabeça aos pés e minha irmã se instalava ao meu lado no sofá, comendo queijo de cabra com uma colher. Não havia um jantar grandioso à mesa nem velas sofisticadas. Nós ligávamos a televisão e nos empanturrávamos de petiscos.

Este ano é diferente.

É diferente de tantas maneiras que eu nem sei por onde começar.

Mas vamos começar pelo jantar. Minha irmã pôs os melhores talheres (garfos reluzentes e espátulas com bordas serrilhadas) na mesa, junto com os pratos de cerâmica feitos à mão da vovó Ruby. Daqui a pouco, eles estarão repletos de purê de batatas e peru e muitas outras coisas cheirosas.

Mesmo assim, tenho que lutar contra um nó no estômago.

Não temos o hábito de comer desse jeito, sentadas a uma mesa comprida e enfeitada com pinhas e jarros envoltos em festão. Nem de ouvir o sopro fraco do vento lá fora pontuar nossos silêncios constrangedores.

A maior diferença, no entanto, é ele.

Enquanto beberica champanhe perto da cabeceira da mesa, o noivo da minha irmã percebe o meu olhar e me dá uma piscadela. *Babaca*. Ranjo os dentes com tanta força que chego a sentir meu dentista se encolher, depois tomo um gole de espumante com um movimento exagerado, como

se fosse quebrar o pescoço. Minhas joias batem e emitem um tinido. São da vovó Ruby. Ela me falou para pegar umas pulseiras emprestadas, por ser uma ocasião especial. Precisei ficar “arrumada para o Natal”. Afinal, temos visitas.

Encaro Johnny por cima do peru. Com firmeza. Percebo que ele seria o melhor jogador de pôquer do mundo. Sua expressão é *excepcional*. Nem uma parte dele entrega o que aconteceu na última noite. Com sua camisa branca de linho engomada, ele parece virtuoso feito um coroinha. Ou um urso-polar fofinho. Só que ursos-polares dão a impressão de que vão beber Coca-Cola e se aninhar em você nas noites frias, mas basta chegar perto que eles rasgam a sua garganta.

*Coma a sua comida, digo a mim mesma. É só comer e não dizer nada.*

Costumo ser boa em ficar de boca fechada. Para alguém como eu, passar despercebida – quando necessário – é algo fácil. Mas esta noite... está difícil me conter. Depois de tudo que aconteceu, sinto que estou desabando.

Empurro a minha cadeira um pouco para trás.

– O que você está fazendo? – sussurra minha irmã, Calla, inclinando-se na minha direção para mais ninguém ouvir.

O pânico fica evidente nas sobrancelhas dela. Sim, nas sobrancelhas. São volumosas como as minhas e magníficas. Antigamente minha irmã não gostava delas, tinha medo de parecerem lagartas.

– Eu falei que não queria discursos. E... você está suando. Por que você está suando?

– Não estou suando.

– Sydney, o suor está escorrendo pelo seu rosto.

Seco a testa com um dos guardanapos de tecido e puxo a gola rulê um pouco para baixo. É a última vez que uso lã de rena! Esse negócio sufoca.

– Só vou dizer algumas palavras...

– Não! Não, *por favor*. Você está...

Ela estende a mão na direção da manga do meu suéter, como se tivéssemos 6 anos, tentando me puxar de volta para a cadeira. Mas sou mais rápida – *rá!* Eu me levanto meio desengonçada, meio puxada pelo cotovelo, e consigo ficar de pé e bater na taça com uma faca de manteiga. Isso provoca um barulho comicamente baixo, como uma fada tossindo.

– Eu gostaria de fazer um brinde – digo.

Meu sorriso é acolhedor e simpático. Minha voz é graciosa. Meu espumante borbulha.

O silêncio vai se espalhando pela sala de jantar até que resta apenas a música “You’re a Mean One, Mr. Grinch”. Parece adequada. Tem um Grinch à mesa. Só que, no final do filme, ele não vai mudar. O coração dele vai ser um *pouco* pequeno demais para sempre.

– Johnny – digo para o noivo da minha irmã, erguendo a taça na direção dele. – Não preciso dizer quanto você é sortudo por ter o amor de alguém como Calla... mas vou dizer mesmo assim.

Todos à mesa caem na gargalhada.

Até Johnny. Até Calla. Até o outro cara na ponta da mesa, que deve continuar sem nome por enquanto. Não quero pensar nele. Não quero pensar no roçar suave dos lábios dele, nem na aspereza das palmas de suas mãos, nem na imagem dele na cama, com as cobertas abraçando as curvas do quadril.

Neste momento, ele está recostado na cadeira, com a mão na boca e um sorriso apreensivo aparecendo por trás dos dedos. Está prestando atenção a cada palavra minha.

Balanço a cabeça de maneira quase imperceptível e continuo:

– Calla pode ser uma grande fã de suéteres natalinos com fios brilhosos e sinos, e pode ter um medo meio exagerado de hamsters minúsculos...

– Mascotes de escola são *imprevisíveis* – diz Calla, sem conseguir deixar de rir, com o rosto meio coberto pelas mãos.

– Mas não se deixe enganar. No fundo, ela é uma das pessoas mais fortes que eu conheço. E é a melhor de todas. Qualquer pessoa que a conheça vai dizer a mesma coisa.

Calla inclina a cabeça para mim de um jeito educado que diz ao mesmo tempo “eu te amo” e “Sydney, você está bêbada?”. E, sim, sim, posso estar um pouco, mas isto é importante. Não acabei o discurso. Ainda.

Meus olhos se dirigem a Johnny.

– E é por isso que eu faria qualquer coisa pela minha irmã. Qualquer coisa. Tenho sorte de poder amá-la, assim como você tem. Então... um brinde.

Ao redor de toda a mesa, sete taças se erguem sob a luz do candelabro. Tudo brilha. Parecemos um cartão de Natal.

– A Calla e Johnny – digo.

– A Calla e Johnny – ecoam todos, incluindo o homem na ponta da mesa.

Nick. (É, este é o nome dele. Nick.) Claro que eu escolho esse momento para capturar o olhar dele. Nick faz um sinal delicado e sincero com a cabeça, como se dissesse “um discurso e tanto, Syd”, e eu penso no ramo de visco e nas covinhas que ele tem na lombar e – ah, sim – em como eu o seduzi em prol do governo.

Minha garganta se fecha.

Talvez eu o odeie.

E não tenho a menor ideia de como isso vai acabar para nós dois.

– Sejam bons um para o outro – acrescento com um floreio meio des-trambelhado ao final. – Senão, Johnny, talvez eu precise quebrar todos os ossos do seu corpo e todas as partes boas. Beleza? E aí, quem quer peru?

# Capítulo 1

UPPSALA, SUÉCIA  
CINCO DIAS ANTES

Não posso simplesmente me aproximar dele e pedir para entrar na conversa. Pareceria suspeito. Em vez disso, me posicionei na beira da pista de dança e estou bebendo uma taça de champanhe tão devagar que mal sinto o gosto. O que importa é a minha boca. Ele precisa olhar para ela. Meus lábios têm uma camada generosa de batom carmim. A cor combina com o meu vestido: um tubinho tomara que caia que diz “eu sou o seu presente de Natal”.

De vez em quando, Alexei gira sua parceira e inclina a cabeça na minha direção. É sutil, mas eu percebo. Perceber é o meu trabalho. O olhar dele passeia do meu tornozelo até a minha coxa exposta e, por fim, chega à minha boca. Automaticamente, mexo os lábios e meus olhos capturam os dele, brilhando por meticulosos dois segundos antes de se desviarem de um jeito tímido.

Eu não sou tímida.

Só sou esperta. E bem treinada.

E, no momento, cheia de coceiras. Mas continuo segurando a taça de champanhe com a ponta dos dedos e ignoro a comichão por baixo da minha peruca. Talvez seja óbvio, mas prefiro o meu cabelo: louro-escuro e com um corte que quase roça nos ombros. Para o meu azar, Alexei Borovkov – ou “o Búlgaro”, meu alvo – gosta de morenas. Está no arquivo. As quatro namoradas dele (quatro namoradas *simultâneas*) têm cabelo comprido e escuro. Então é o que temos para hoje.

Tomo mais um gole ridiculamente lento de champanhe e espero. Meta-de do trabalho é esperar, manter a calma mesmo sob pressão.

Brinco com o álcool na boca e vasculho o salão de baile pela décima sexta vez. Há pisca-piscas no teto, ramos verdes enfeitando o topo das janelas salpicadas de neve e um lustre enorme de cristal anuncia riqueza. É o tipo de lugar a que eu nunca imaginaria ir quando era criança. À noite do bingo natalino da hospedaria Moose, talvez; a um baile de Natal com ingressos que custam o dobro do preço do meu primeiro carro, nunca.

Existem duas saídas livres. Vários guarda-costas andam de um lado para o outro, tentando ser discretos. E um homem no canto usa um fone de ouvido. O cara não é um dos nossos. É do Alexei. No outro lado do salão, um quarteto de cordas toca “När Det Lider Mot Jul”, uma canção natalina sueca que tem muito violino, e eu acompanho o ritmo batendo meus sapatos de salto e bico finos no chão até o fim da música. Todo mundo aplaude o violinista – e chega a hora de atacar.

Eu nem preciso me preparar.

É um hábito, uma memória muscular, minha mente e meu corpo em sincronia.

Alexei dá um passo extra para longe da parceira, faz uma reverência e lança um olhar direto para mim. Por um segundo, é como se fôssemos as únicas pessoas no salão de baile.

Agora, só falta atraí-lo até mim.

Uma lenta mordiscadinha no lábio deve funcionar, como se eu imaginasse qual é o sabor dele – mas então me detenho no meio do gesto. Paro de repente. Sou uma mocinha inocente! Alexei vê isso e, como eu previa, vem na minha direção no mesmo instante, ele e sua gravata branca e seu fraque.

– Você é linda – diz.

Ele fala com um sotaque forte e estende a mão enluvada, confiante, para que eu a pegue. Meus dedos deslizam sobre os dele como se eu fosse um passarinho frágil – e não, digamos, uma agente da CIA surpreendentemente forte que poderia subjugar-lo de maneira rápida e silenciosa. Por baixo do vestido, sou uma mulher poderosa e de músculos fortes. Um treinador uma vez me descreveu como “mais fulminante do que bonita”. Com ênfase no *fulminante*.

Alexei me puxa para o centro da pista de dança enquanto o quarteto volta a tocar. Uma música mais lenta agora, com mais violoncelo.

– Você é búlgaro? – pergunto, adotando um sotaque sueco.

O salão de baile fica em Uppsala, a meia hora de trem de Estocolmo, então um disfarce sueco faz mais sentido.

Alexei sorri e me puxa para mais perto do peito. Eu me controlo para não ficar rígida. Mantenho a respiração tranquila e normal. O pescoço dele tem cheiro de toranja, com um toque de couro, e o cabelo louro-claro está preso atrás das orelhas. De salto alto, sou apenas cinco centímetros mais baixa do que ele. Nós combinamos.

– Garota esperta – diz ele, depois de soltar um muxoxo. – Quer dizer que reconheceu o meu sotaque? Você fala búlgaro?

– Falo seis idiomas – respondo com sinceridade. É a primeira e única verdade que conto a ele a noite toda. – Mas o meu búlgaro não é muito bom.

– Meu sueco não é muito bom. – Os lábios de Alexei se curvam. – Apos-  
to que tem muita coisa que podemos ensinar um ao outro...

Ele deixa a afirmação em aberto, à espera do meu nome.

– Annalisa – minto.

Annalisa Andersson. Socialite de Gotemburgo. Ela é do signo de virgem. Anda a cavalo. Gosta de gim e Dubonnet com uma fatia de limão.

É engraçado quanta coisa se pode saber sobre uma pessoa que nem existe. E quanto se pode desconhecer sobre alguém que existe.

Os dedos de Alexei se entrelaçam aos meus de um jeito que, anos atrás, provocaria um calafrio nas minhas costas.

– Está sozinha aqui, Annalisa? Não é bom ficar sozinha no Natal.

*Sozinha no Natal.*

Na minha linha de ação, as pessoas procuram as vulnerabilidades umas das outras. Sem saber, Alexei acessa, lenta e desconfortavelmente, a minha. Minha família aparece num flash diante dos meus olhos – Calla, vovó Ruby, Docinho, até meu pai –, então pisco e faço todo mundo desaparecer. Eles não podem estar aqui neste momento. Alexei não é o que se pode chamar de “um cara legal”. Nos últimos três meses, ele vem financiando transações de armas contra aliados da Otan. Se eu não me concentrar nele, vou voltar para os Estados Unidos num saco para cadáver.

Levanto a mão para traçar as feições acentuadas do maxilar de Alexei e sussurro no ouvido dele:

– Não estou mais sozinha, não é?

Sinto o coração dele acelerar por baixo da camisa. Ele engole em seco de maneira discreta. Eu o fisguei. Sei que sim.

Noventa e cinco por cento do tempo, meu trabalho para a CIA não é assim. Em geral, recebo um conjunto muito específico de instruções: recrute espões estrangeiros. E só. É isso que eu faço. Eu os identifico, analiso e alinho com o governo dos Estados Unidos. Já trabalhei em todo o norte da Europa e no antigo Bloco do Leste. Meses longos e frios de encontros com contatos em salões e bares discretos. Mas, às vezes, as missões vêm do nada.

*Filho de um bilionário búlgaro passeando pela Europa. Vai a um baile de caridade em Uppsala. Alguém o convenceu a usar o dinheiro do pai para comprar componentes de mísseis. A vigilância por áudio e satélite não teve sucesso até agora. Precisamos descobrir quem ele vai encontrar hoje mais tarde.*

E, num piscar de olhos, tenho que trocar a calça cargo por uma roupa de festa financiada pelo governo.

Danço uma música atrás da outra antes de enfiar as mãos por baixo do paletó de Alexei e acompanhar as curvas do peito dele. Meus dedos são ágeis, delicados, habilidosos.

Alexei quase ronrona.

– Sabe – murmura –, você parece aquela americana...

Tomo cuidado para evitar qualquer tensão nos meus ombros.

– ... que é atriz – termina ele, o que é bem melhor do que *espia*. – Qual é o nome dela? Aquela do rosto redondo. Sobrancelhas escuras, cabelo louro.

– Rosto redondo... – Finjo pensar, distraíndo-o ainda mais enquanto meus dedos passeiam nas laterais do corpo dele e... *Pronto*. Grudo o gravador em miniatura no forro do paletó dele.

– Ah! – diz Alexei, como se tivesse sido picado por um filhote de vespa, e meus músculos se preparam para bloquear um ataque. Por dentro, relaxo quando ele solta: – Ah, não consigo me lembrar do nome. Você dança tão bem que a minha mente está voando.

Com uma piscada de cílios, agradeço a ele.



Não temos êxitos assim com muita frequência: uma missão que acontece de maneira tão estranhamente tranquila parece até treinamento. Alexei poderia ser o instrutor fazendo papel de bilionário. Eu me irrito: suspeito que a missão tenha dado um pouco certo demais. Mas fui o mais diligente possível – e vou ficar bem atenta no caminho para casa. Quando a equipe de tecnologia finalmente manda um toque para o meu receptor de ouvido a fim de confirmar que já estão ouvindo tudo pelo microfone que escondi, lanço uma desculpa indelicada e comum.

– Preciso fazer xixi! Tchau!

Passo pela porta do banheiro, mergulho sorrateiramente no corredor oposto e entro despercebida no guarda-volumes. Tudo é coreografado, metódico. Verifico duas vezes se estou sozinha – a parte seguinte é acelerada. Tiro a peruca. Visto a parca preta. Tiro o salto alto. Visto uma calça cargo bem surrada por cima do vestido, enfiando o tecido sedoso por dentro da cintura. Calço as botas curtas de borracha. Vinte segundos, só preciso disso, e estou pronta para sair dali. Pego a minha mochila no armário do canto e saio devagar mas determinada do guarda-volumes. Em instantes, estou do lado de fora, no centro de Uppsala.

Um vento frio e flocos de neve atingem as minhas orelhas e me fazem lembrar do Maine: caminhadas com raquetes de neve em dezembro, dedos dos pés congelando antes da fogueira de acampamento, aquele primeiro gostinho do inverno. Puxo o capuz da parca e escondo o cabelo: se alguém começar a me seguir, só vai ver a silhueta de uma pessoa: elegante, possivelmente atlética, relativamente alta.

Por sorte, ninguém me segue até a estação de trem. Ninguém suspeito embarca no meu vagão. Ninguém olha por sobre o meu ombro enquanto finjo ler a revista *Plaza Kvinna*. No banheiro do trem, solto um suspiro de cansaço e ponho o pulso sob a torneira, esfregando até a maquiagem se desintegrar e o contorno da minha tatuagem de lua crescente ficar visível de novo. Às vezes, essa tatuagem minúscula parece a única marca verdadeira de quem eu era.

Salpico um bocado de água morna no rosto, olho no espelho e passo uma toalha de papel sobre os lábios vermelhos pegajosos.

Parço feliz? Talvez seja a pergunta errada. Este emprego nunca foi para me deixar feliz. Este emprego era para me tornar... o quê? Intocável?

De volta a Estocolmo, paro na primeira loja de conveniência aberta para comprar um pão de canela sueco. Devoro um terço dele na caminhada para casa. Não exatamente a minha *casa*. O hotel Stockholm Riverside é só o lugar onde dormi nos últimos dois dias. Tudo bem. Bem melhor do que a central na Macedônia ou aquele albergue nos Bálcãs. A máquina de venda automática faz um espresso decente (se você só se importar com o nível de cafeína; a dosagem certa para mim é *cafeinado a ponto de eu conseguir prever o futuro*). Os carpetes do hotel são azuis, há quadros de vacas bem peludas nos corredores e ninguém faz perguntas além do ocasional “O que está achando da sua estadia?”

E isso é bom. Obviamente.

No saguão com painéis de madeira, penduro a sacola de compras no braço, aperto o 3 no elevador e entro ao ouvir um *ping*. Minhas botas de cano baixo fazem barulho no corredor e deixam um leve rastro de neve. Quando chego ao meu quarto (306, ao lado da máquina de delivery de cafeína), tiro uma das luvas e procuro a chave na parca.

O que será que a minha família está fazendo agora, seis dias antes do Natal, no Maine, minha terra? Não consigo evitar pensar neles.

Além disso... Ouço algo. *Alguém*. Neste momento, no meu quarto de hotel.

O barulho me atinge como um dardo no pescoço. *Nunca* apareceu ninguém no meu quarto. Nunca, nunca. Com certeza não depois de uma missão.

Eu sabia que tudo tinha sido tranquilo demais! Será que alguém me viu implantar o equipamento de vigilância auditiva no Alexei? Será que fui exposta? *Quem diabos está no meu quarto?* Eu me preparo: deixo o pão no chão, tiro a mochila do ombro e levo a mão até a arma. Do outro lado da porta, ouço uma voz feminina – e o ruído da televisão. A intrusa está assistindo à TV. Um programa de prêmios, talvez? Poderia ser? A intervalos de segundos, um sino toca – tipo *blim, blim, blim, você ganhou!* – e a pessoa dentro do meu quarto solta uma risada alta e estridente, como a Miss Piggy dos Muppets.

Isso tem toda a cara de armadilha. E nem é uma armadilha muito boa. Ela, no mínimo, deveria estar se escondendo num armário, pronta para sair de repente e me esfaquear, não?

Mesmo assim, não posso ficar do lado de fora para sempre. Tem dois

meses de informações naquele quarto e eu não tenho como dar as costas para isso. Meu chefe me mataria – se a pessoa que está no quarto não tentar me matar primeiro.

De repente, a televisão para. E a voz chama:

– É você, Sydney? Entra, por favor.

O sotaque é americano. Do Meio-Oeste, ao que parece. Outro truque? Meu treinamento funciona como um reflexo. Respirar fundo duas vezes. Afastar o medo.

Pego a pistola na cintura, contorno o pão de canela e destranco a porta com um bipe. Entreabro e dou uma espiada lá dentro. Carpetes azuis, paredes azuis. Um par de tênis de corrida bem surrados ao lado da porta, bem onde os deixei. Mas sou imediatamente recebida pelo aroma inconfundível de almôndegas. Com... molho cremoso de noz-moscada? Nunca comprei uma comida dessas nem levei para o quarto. Passo pela entrada e...

– Ah, que bom. Você chegou.

A mulher no meu quarto mal olha para mim. Ela vira a cabeça mais ou menos na minha direção, só o suficiente para eu ver o contorno do perfil. O cabelo curto e castanho cai ao redor do rosto como se uma brisa o tivesse esvoaçado, embora a mulher esteja confortavelmente sentada à mesa de jantar perto da TV. Deve ter uns 40 anos... Talvez 42, 43?

O mais importante é que não tenho a menor ideia de quem ela seja.

Nem do motivo para ter pedido tantas almôndegas. A mesa está lotada, com uma bandeja de salmão defumado, uma tigela de espaguete e o que parece ser carne de cervo. Ou de rena?

– Eu estava meio faminta, então pedi tudo.

A mulher dá de ombros, fecha o cardápio do serviço de quarto e olha direto para mim agora. Os olhos são perspicazes, brilhantes e poderiam assustar uma pessoa comum.

– Você come carne, não é? Eu deveria ter pedido o dobro, mas não sabia quando você iria voltar. Suco de laranja? Tem mais comida para chegar. Fique atenta à batida na porta... Você não vai sentar?

Ela aponta para a outra cadeira.

– Desculpa – digo, sem um pinga de sinceridade. O sarcasmo transparece na minha voz. – Quem é você mesmo?

– Você não vai atirar em mim, não é?

Minha arma fica em posição, apontada para a cabeça dela, mas o leve gosto de medo se dissipa na minha boca.

– Não, a menos que você tente atirar em mim primeiro.

– Que bom – diz ela, fazendo um gesto de desdém com a mão. – Isso seria complicado. Muita papelada, e provavelmente chegaria ao noticiário se você não conseguisse encontrar um lugar pra esconder o meu corpo logo. Não tem muitas caçambas nesta cidade. Você teria que me jogar no rio. Mas, claro, o rio está congelado, então você teria que abrir um buraco. Demoraria pra caramba.

Ela pega o controle remoto, muda de canal, assiste por uns dez segundos e depois aponta para a TV.

– O que você acha que está acontecendo ali?

*Nada tão esquisito quanto o que está acontecendo aqui*, penso. Na tela, uma cena doméstica se desenrola. É um tipo de novela sueca. Sem tirar os olhos da mulher com as almôndegas, fico ouvindo por um tempinho, enquanto Helga – acho que o nome dela é Helga – descobre que seu amado da vida toda, Sven, a traiu. No dia do casamento deles. Com a irmã dela.

– Um drama familiar – respondo sem emoção.

Um músculo no meu maxilar se contrai de leve. A pequenos intervalos, meus olhos viajam até o armário, à espera de que um agressor (Alexei? O contato de Alexei?) saia do meio das minhas roupas de inverno.

– Ah. – A mulher funga e coça o nariz. – Sei tudo sobre dramas familiares. Era para eu estar na Finlândia agora. – Ela inclina a cabeça na direção do quarto ao lado, como se a Finlândia fosse logo ali. – Férias esquiando. Eu odeio esqui. Neve demais. Meu filho torceu os dois pulsos no primeiro dia. Dá pra acreditar? Os *dois* pulsos.

– Que... horrível – digo com empatia suficiente, moderando as palavras.

*Se é que você tem mesmo um filho*. Será que está mentindo para mim? A linguagem corporal da mulher é casual, despreziosa. Ela parece confiável, mas essas coisas podem ser disfarçadas. Aprendidas. Minha mente repassa as vogais dela, analisando se é possível pegar algum furo no sotaque americano. Talvez seja simulação. Será que ela é de alguma agência de contraespionagem? Agente de operações secretas? Ao mesmo tempo, tento me lembrar se meu notebook ainda está trancado na gaveta da cômoda.

– É, bom, assim ele vai ter motivo pra reclamar. Meu filho adora reclamar... Mas, falando sério, solta essa arma. Estou desarmada, está vendo?

Ela apalpa o suéter de lã, que parece tão finlandês que poderia ser um souvenir de loja de presentes do aeroporto. Tem desenhos de frutas silvestres vermelhas.

– Também não tem nada embaixo da mesa, está vendo? Dá uma olhada no armário, se quiser. Veja embaixo da cama. Não tem ninguém lá. Só eu, você e umas almôndegas, está bem? Estamos do mesmo lado.

Bufo e um fio de cabelo louro cai por cima do meu olho.

– Não vou simplesmente confiar que você...

– Sydney Swift – interrompe ela, recostando-se na cadeira.

Ela entrelaça as mãos com capricho no colo, como uma bibliotecária escolar. Então continua:

– Vinte e seis anos. Agente recrutadora da CIA. Excelente com idiomas. Atualmente está transformando um criminologista albanês desertor num colaborador viável... e acaba de voltar de uma festa de Natal. Filho de bilionário, acredito? Alguma coisa referente a mísseis? Você fez o ensino médio em Cape Hathaway, no Maine, onde... deixe eu ver se lembro direitinho... tocava flauta na banda marcial e ganhou o Campeonato Estadual de Debates dois anos seguidos. Posso mostrar uma foto?

Minha boca fica seca. *Como... Como...?*

Devagar, ela tira uma fotografia de baixo do prato de almôndegas, deslizando-a com dois dedos por sobre a mesa. A imagem mostra uma garota de 16 anos com cabelo queimado de sol, sobrancelhas densas e aparelho ortodôntico nos dentes. Os olhos inteligentes encaram a câmera, como um gato.

Ela está segurando um troféu de debate.

Sou *eu*.

– Estudou relações internacionais em Bowdoin – continua a mulher –, depois em Georgetown. Formada com louvor. Sua mãe faleceu de repente quando a sua irmãzinha era bebê, num acidente de carro, então você foi criada pelo seu pai e uma avó. No treinamento da CIA, foi a terceira melhor da turma em recrutamento de colaboradores e a segunda em direção defensiva. Seu telefone pessoal tem mais fotos de uma cachorrinha chamada Docinho do que de seres humanos. Nenhum relacionamento romântico no momento. Na verdade, bem solteira. Como estou indo até agora?

Ela acertou tudo. Absolutamente tudo. Meu último namorado e eu tínhamos terminado às duas da manhã no estacionamento de Langley, depois de ele me dizer que era difícil demais namorar uma espia. E ele *era* espião.

Trinco os dentes.

– Mais ou menos bem? – pergunta a mulher. – Eu sei. Hora de se sentar.



O nome dela é Gail Jarvis. Supostamente. Supostamente se trata *da* Gail Jarvis, vice-diretora associada do FBI. Ela tira o distintivo do bolso devagar, junto com uma mensagem de vídeo gravada pelo meu chefe, que não *parece* estar sob nenhuma pressão. (Se bem que devo admitir que é difícil identificar; Sandeep é uma pessoa notoriamente animada.) Depois de cinco minutos de conversa, devolvo minha arma para a cintura, mais ou menos confiante de que Gail não vai me estrangular com arame. Pelo menos, não agora.

Do lado de fora, um grupo barulhento grita algo em sueco sobre as bebidas da festa do escritório, em seguida o serviço de quarto bate à porta para entregar duas tigelas de sopa de ervilha. Gail dá uma gorjeta para o garçom e, sem fazer nenhum movimento brusco, volta para a mesa.

– Ah – diz ela, tomando algumas colheradas de sopa. – Está muito boa. Encorpada. Os suecos sabem fazer uma boa sopa, tenho que reconhecer. – Então, ela volta ao trabalho. – Já fiz a introdução. Em essência, preciso que trabalhe pra mim.

– Temporariamente – recapitulo, com a mão sob o queixo.

Meus dedos tamborilam na maçã do meu rosto. Gail e eu estamos numa partida de xadrez. A jogada é dela.

– Temporariamente – repete ela.

– Como uma transferência interagências?

– Correto.

Lanço um olhar para ela do tipo *Gail*, *você sabe que nada disso faz sentido*, o que envolve semicerrar um olho e inclinar de leve a boca. Como ela não parece entender a expressão, eu a desfaço e digo, direta como sempre:

– Isso não faz sentido.

Gail espeta uma almôndega com o garfo.

– Qual parte especificamente?

Será que devo deixá-la usar um garfo? Não parece muito ameaçador, embora, em teoria, eu conseguisse matar alguém com menos do que isso.

– Digamos que você seja quem diz ser – começo, entrelaçando as mãos e apoiando-as na mesa. Nunca estive nessa posição, então me fio na autoconfiança. – Digamos que você estivesse mesmo por acaso na Finlândia “de férias”. – Faça as aspas no ar com os dedos. – O que é uma baita coincidência... Por que invadir o meu quarto de hotel? Por que eu? Você ainda nem me disse qual é a tarefa. Por que não escolher um dos seus agentes?

– Não posso. – Ela envolve a almôndega no molho cremoso, o que reaviva minha fome. – As coisas estão chegando ao FBI e não estão *ficando* lá. E até mesmo o menor detalhe deste caso é importante demais pra vazar. Tenho suspeitas em relação a pessoas do meu departamento.

Segue-se uma pausa longa demais. O FBI não é evasivo.

– E? – pressiono. Gosto de ir direto ao assunto. – Por que precisa de mim?

Gail morde uma almôndega e engole, pensativa.

– Bem, pra começar, você é mulher. Eu confio em mulheres. Não em todas, claro, mas sempre voto em mulheres.

Ela faz um movimento acentuado com a mão, como se fatesse manteiga.

– Não é um jeito eficaz de votar – digo.

Mesmo assim, um canto da minha boca se curva, formando um sorriso relutante. Existem tão poucas mulheres em cargos superiores nas agências de inteligência que elas devem até ter um aperto de mãos secreto.

Gail dá de ombros.

– Funciona pra mim. E não “invadi” o seu quarto de hotel, como você alega. Não houve nenhum dano. Só uma chave roubada daquele saguão bagunçado. Eu gostaria de dizer que a escolhi pra tarefa porque você é a melhor. Mas isso começaria o nosso relacionamento com base numa mentira. Você sabe que a CIA e o FBI brigam como dois bicudos, então você não é a minha primeira opção. Não tenho a menor ideia se você é a melhor.

Seu arquivo diz que você é competente em campo, mas, sinceramente, eu preciso de você porque você é a única que vai conseguir cumprir a missão com bom senso.

No meu estômago, um medo sutil se mistura à curiosidade, formando um coquetel borbulhante. Isso sempre acontece pouco antes de o meu chefe entregar uma missão. É como ficar parada à porta aberta de um avião, com o paraquedas preso nas costas. O chão ondula numa colcha de retalhos lá embaixo e a sua respiração fica presa na garganta.

– E a missão é...?

– Está vendo estas olheiras? – responde Gail com uma pergunta.

Um dos dedos dela puxa a pele sob os olhos. Está azulada e ressecada.

– Este caso todo. Este *único* caso. Parece que venho seguindo essa família ao longo de metade da minha carreira. Primeiro o avô, depois o pai e agora o filho. Johnny. Johnny Jones. Reconhece o nome?

Reconheço. Crime organizado. Uma família de Boston.

– Eu deveria?

Gail sibila.

– Ai, droga!

– “Ai, droga” o quê?

– Eu esperava que você soubesse.

– Soubesse do quê? – indago, irritada.

– Acho bom você respirar fundo.

– Estou respirando.

– É, mas não está respirando *fundo*.

Ok, minha paciência se esgotou. Sou direta mais uma vez.

– Fala de uma vez.

Devo reconhecer que Gail desembesta a falar.

– A família Jones é mais difícil de decifrar do que a máfia italiana. Eles eram criminosos de amplo espectro. Apostas, roubo de carros, chantagens, corrupção de oficiais públicos, tudo que você imaginar. Começaram administrando tudo por meio de uma rede de cafeterias. O avô era chamado de Rei do Café.

Ela faz uma pausa, aparentemente para dar um efeito dramático.

– Mas no último ano e meio... silêncio. Todo mundo achava que eles tinham se enfiado totalmente no submundo. Até eu começar a juntar as

peças. A conectar os crimes em todo o país, nas costas Leste e Oeste e em partes do Canadá. *Assaltos*. A família agora faz assaltos.

– Joalherias? – pergunto, profissional, fazendo-a continuar.

– Joalherias, museus, bancos, residências particulares... milhões e milhões de dólares. Você se lembra do assalto ao museu de arte em St. Louis, três meses atrás? Aquele em que dois civis foram baleados? Foram *eles*. Passei quase oito anos tentando me infiltrar na rede deles. Estava começando a achar que era impossível, pelo menos durante a minha vida. E aí, semana passada, Johnny Jones, o filho, anunciou que estava noivo.

Um calafrio de pânico dispara pelas minhas costas.

– Ok...

– Da sua irmã.

O que ela diz não faz sentido no início. As palavras dela não parecem *palavras*. Desconfio que a televisão está em curto, mas não, é só a minha visão. Com certeza tem um borrão nas bordas.

– Não – digo, no automático.

Gail ergue as sobrancelhas como se dissesse: *Bem, é verdade*.

As pontas dos meus dedos ficam dormentes e as minhas lembranças borbulham como ácido: Calla e eu na escola, com lancheiras de lagosta combinando. Calla me dando língua, depois dizendo: “Vamos apostar corrida até o balanço!” Irmã mais nova. Melhor irmã.

– Isso é... isso é impossível – digo a Gail, sem conseguir conter o tremor na minha voz. E isso nunca acontece comigo. – Você está brincando.

– Eu pareço o tipo de pessoa que tiraria uma galinha de borracha do bolso?

– Não – repito, mais para mim do que para ela.

Vejo Calla e eu de férias com vovó Ruby no parque nacional Acadia. Calla e eu juntando cotões de poeira no sótão e dizendo que eram nossos coelhinhos. Nós duas encolhidas embaixo de uma coberta depois que o meu pai foi embora, eu sussurrando que nunca mais iria deixar que nada de ruim acontecesse com ela. Uma onda de náusea golpeia as minhas costelas.

– Não, Calla *nunca faria*...

– Calla *fez* – interrompe Gail. – Sinto muito por ela não ter contado para você. Mas o fato não muda: a sua irmã vai se casar e fazer parte de uma das

famílias criminosas mais evasivas que os Estados Unidos já produziram. E você vai reunir informações sobre eles.

Meu queixo cai e eu encaro Gail.

– Está me pedindo pra espionar minha irmã?

– Viu, é isso. Bem como diz o seu arquivo. Você é inteligente.

A condescendência dela é como um empurrão num rio gelado e isso... tudo isso... está me puxando para baixo.

– Não. Não, não vou fazer isso. Não pode pedir que eu faça isso.

Gail franze a testa, formando uma ruga profunda.

– Claro que posso. Acabei de pedir.

– Ela é minha *irmã*...

– Que vai se casar com um suspeito de crime – retruca Gail. – Sim, eu sei bem. E você pode até acreditar que Calla é inocente e ignora as circunstâncias. Tudo bem. Pode acreditar à vontade. Mas aqui estão os fatos, Sydney. No último assalto que a família Jones realizou, um homem de cerca de 80 anos foi jogado com tanta força no chão que teve traumatismo craniano em três pontos. Ele está em coma induzido há mais de um mês, talvez nunca acorde, e o cachorro dele está com saudade. Posso mostrar uma foto do cachorro?

Meu estômago afunda. Eu sei o que ela está fazendo.

– Para.

Gail não para.

– O nome dele é Puffin. É um labrador chocolate com olhos muito tristes. E uma mulher, com cerca de 30 anos, foi atingida por uma bala perdida. Ainda está no hospital. *Pode* sobreviver, mas existe a chance de os dois filhos acordarem na manhã de Natal sem a mãe.

Uma dor intensa sobe pela minha garganta.

– Gail.

– Há um padrão – continua Gail. – Cada assalto é maior, mais perigoso. Cada vez o número de pessoas feridas aumenta. Nós ouvimos duas conversas nas últimas 48 horas. A primeira diz que o próximo assalto é no réveillon. E a segunda, que alguém da organização deles comprou mais de vinte quilos de C4 no mercado ilegal.

Vinte quilos? Isso é... suficiente para explodir uma série de bancos. Uma rua inteira. No réveillon, com tanta gente?

– Meu Deus – sussurro.

– Isso é muito mais importante do que a sua família – destaca Gail. – Com essa quantidade de C4, *milhares* de pessoas podem se ferir. Qual é o alvo? Quais são os planos deles? Como podemos interrompê-los antes que façam o pior ataque? Calla vai levar Johnny pra casa pra conhecer a sua avó nas festas de fim de ano, então você vai ter a oportunidade de descobrir. Que delícia, um tempinho com a família! Faça as malas e vá pro Maine.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

